



Foto Claudine Petrol

Cerca de 2 mil pessoas participaram de um ato público contra o projeto

## Na PUC, protestos contra o projeto de emancipação

"O que o governo quer com esse projeto de regulamentação do Estatuto do Índio — que, na verdade, não é regulamentação mas reforma — é estabelecer um pacote de segurança nacional tendo como endereço o índio." Essa denúncia foi feita ontem pelo presidente do Conselho Indigenista Missionário, D. Thomás Balduino, aos cerca de 2 mil participantes do ato público contra o projeto de "emancipação" do índio, realizado no TUCA.

Embora ninguém, a não ser o próprio governo, conheça a minuta do projeto, D. Thomás disse que a proposta, pelo que tem conhecimento, não é mais de emancipar as comunidades mas os indivíduos. "E isso significa — garantiu o bispo — a degola das lideranças."

O presidente do Cimi explicou que o projeto contém um dispositivo que dá ao governo poder de emancipar o índio, à sua revelia, "já que a consulta será pró-forma". E isso impede, segundo D. Thomás, a autonomia do povo indígena.

O bispo de Goiás Velho acredita ser esse o motivo mais forte que inspira o projeto, já que "os índios de Norte a Sul começam a se levantar contra a espoliação a que vêm sendo submetidos. E, ao contrário do que acontece com os lavradores quando reagem à invasão de suas terras e são presos, o governo não tem nenhuma forma legal de controle sobre os índios" — afirmou.

Em todos os pronunciamentos feitos durante o ato,

promovido pela Associação Nacional dos Cientistas Sociais e pela Comissão Pró-Índio, foi também apresentada como causa básica do projeto do Ministério do Interior a questão das pressões econômicas sobre as terras indígenas. O ex-secretário-geral do Cimi, padre Antonio Iasi Jr., disse que esses interesses já vêm se manifestando com as constantes invasões das reservas por projetos agropecuários, os contratos feitos pela Funai para exploração de determinadas áreas que pertencem aos índios.

Como exemplo do que poderá ocorrer, o padre Iasi citou o caso da reserva dos Kadiwéus, no sul do Mato Grosso, cujas terras foram doadas aos índios por Pedro II em reconhecimento à sua participação na Guerra do Paraguai. "Nos 400 mil hectares da reserva — disse — vivem 450 índios, cerca de 100 famílias. Se, ao emancipar os índios, o governo der um módulo de terra de 100 ou 200 hectares para cada família, vão sobrar 398 mil hectares. E quem vai ficar com o resto?"

E o governo quer adotar essa medida — lembrou D. Thomás Balduino — justamente quando encerra o prazo, estabelecido pelo Estatuto do Índio, para que a Funai demarcasse todas as reservas. "O prazo se encerra no dia 19 de dezembro e, até hoje, a Funai demarcou apenas um terço das terras indígenas", afirmou o presidente do Cimi.

Para o antropólogo Darcy Ribeiro, o que o governo quer

provocar, com esse projeto de "falsa emancipação", é a assimilação rápida dos índios. "E isso representará — afirmou — uma ação de etnocídio e de genocídio. Etnocídio porque se negará aos índios o direito de viverem segundo os seus costumes e genocídio porque, inevitavelmente, a emancipação levará à sua extinção. Essas ações são condenadas em declarações da Organização das Nações Unidas, das quais o Brasil é signatário".

Darcy Ribeiro disse, também, que o ministro Rangel Reis tem dito, pelos jornais, que os antropólogos, indigenistas e religiosos estão condenando o projeto sem o conhecer. "Mas como não ter medo — pergunta o antropólogo — se a minuta não é divulgada e o máximo que o governo se permite é a publicação da exposição de motivos? É a primeira vez que tenho conhecimento de que se publica uma exposição de motivos sem divulgar juntamente o decreto".

Orlando Villas Boas, que também participou do ato, depois de afirmar que nenhum índio tem condições de ser emancipado, disse que acredita que o decreto será assinado pelo presidente Geisel. "Se não houvesse interesse em colocá-lo em vigor, por que tanto sigilo?, perguntou. E acrescentou: "Embora seja temerário dizer que há interesses econômicos por trás dessa atitude do governo, nós somos obrigados a pensar que existem".

## Os índios falam; contra o governo

Eleitor desde 1956, funcionário público e estudante de Direito em Campinas, Maurício Pedro, da tribo Terena, é um dos muitos índios que optaram pela emancipação. Mas ele é radicalmente contra o projeto do governo, contra a emancipação compulsória: "Os índios ainda não estão preparados para competir em nossa sociedade. Depois de tantos anos fora da minha aldeia, ainda sinto insegurança".

Como outros representantes de tribos indígenas, Maurício Pedro fez um pronunciamento durante o ato. Para ele, o projeto que está para ser assinado pelo presidente da República "é uma consequência do progresso. Hoje o interesse é voltado mais para o capital. Na vida de hoje, o homem vale não

pelo que ele é, mas pelo que ele tem".

Nelson Jacinto Xangré, cacique Kaigang, da Aldeia de Nonoi, no Rio Grande do Sul, vê o decreto de outra forma: "Acho que o que inspira esse projeto é o comércio, a exploração da vida do índio. Estou enxergando o que vai acontecer, se o governo dividir as terras entre os índios. Vem um fazendeiro para comprar as terras e o índio, que não conhece dinheiro, vende por qualquer troquinho".

Xangré, líder de sua comunidade, diz que está disposto a ir até Brasília falar com Geisel: "Se o presidente acha que a gente não está reclamando, a gente vai a Brasília e enche o palácio dele de índio".

Como Xangré, Daniel Mateinho, da tribo Pareci, é totalmen-

te contra o projeto de emancipação do índio. "Se isso ocorrer, vai acontecer uma ruptura na tradição milenar do índio que é viver em terras coletivas. Vai haver uma divisão entre as famílias e, com a divisão, fica mais fácil a investida dos brancos contra as terras dos índios".

### MOÇÕES

A realização do ato público recebeu o apoio de mais de uma centena de entidades nacionais e estrangeiras e também de personalidades brasileiras.

Também ontem, a Associação Nacional de Apolo ao Índio, de Porto Alegre, divulgou nota oficial condenando o projeto de emancipação, classificando-o de genocida.